

Gramaticalização de construções com o verbo “parecer” no português brasileiro: de verbo pleno a satélite atitudinal

Sebastião Carlos Leite Gonçalves
(UNESP/S. J. Rio Preto)

Resumo

N

este artigo, é apresentada uma descrição dos diferentes padrões de uso do verbo *parecer* no português brasileiro. As relações sincrônicas entre esses diferentes padrões são interpretadas como um caso de gramaticalização.

Palavras-chave: Verbo *parecer*; Gramaticalização; Modalidade; Evidencialidade.

Considerações iniciais

Neste artigo, investigo construções com o verbo **parecer** sob a perspectiva da Gramaticalização (GR, daqui em diante), aqui entendida, na sua acepção mais clássica, como um processo de mudança que envolve a alteração de estatuto categorial de itens/construções que, usados em contextos particulares, gradualmente, vão expandindo sua

funcionalidade (padrões de uso), com decorrências morfossintáticas (HOPPER & TRAUGOTT, 1993). Ilustram essa acepção os diferentes padrões de usos do verbo **parecer** encontrados no português brasileiro (PB), variedade carioca.¹ Chamo, nesse ponto, a atenção para a função do verbo, mostrada nos parênteses, em cada um dos casos.

- (1) **Parecer₁ (predicado verbal)**
 - a. Você **parece** um pouco aquela menina – como é? ... a Glória Pires
(CEN/18)
 - b. Eles queriam uma cunhada minha e eles falaram que eram eu, que eu **parecia** muito com ela quando era nova, sabe, era mais clara e tudo.
(CEN/06)
- (2) **Parecer₂ (suporte de predicação / operador modal)**
 - a. [E e F vêm falando sobre a política nacional]
E: o senhor **me parece** uma pessoa bem politizada mesmo, né?
(TEN/31)
 - b. [F falando sobre a educação de suas filhas]
F- ... de vez em quando, tem que dar uma podzinha, (riso) e cortar os excessos e tal, mas isso numa boa, elas sabem que, numa boa, e essa (...) (da) minha parte.
E- o relacionamento de vocês de você com elas **parece** excelente.
(CEN/43)
- (3) **Parecer₃ (predicado de atitude proposicional)**
 - a. ODEIO baile funk ... Principalmente que onde eu moro, tem sexta ou sábado pra eles fazerem baile funk, sabe que dia que eles fazem? De domingo para Segunda e começa às dez horas e não termina antes de cinco e meia da manhã, eu acho isso uma sacanagem, uma falta de respeito com quem não tem nada a vê. ... eu não moro próximo ao morro, mas [**parece que** a música está dentro do meu quarto por causa do eco], entendeu?
(TEN/22)
 - b. aí a gente tava lá na sala, entre a sala e a cozinha lá tinha um corredor, a gente tava sentado no sofá, [o pano de prato **parece que** se mexeu], sei lá, ele cismou que viu um gato correndo pela cozinha. (TEN/02)
- (4) **Parecer₄ (quase-satélite atitudinal)**
 - a. hoje pode-se fazer o [casamento] religioso com efeitos civis e tal... então mas no/ [nós nos casamos no civil... **parece que** de manhã... assim por volta de... dez e meia onze horas por aí].
(NURC/RJ/SET/71)
 - a. [o pedágio passou para **parece que** setenta cruzeiro a partir de dia prime- depois de amanhã].
(CEN/32)
- (5) **Parecer₅ (satélite atitudinal)**
 - a. Esse homem que não é ou não se diria ser um homem RICO é

um trabalhador simples ... ele mora decentemente ... não sei se ganha bem ... [me pa-re-ce se eu bem entendi o salário mínimo é trezentos dólares o que está muito acima do salário mínimo brasileiro]

(NURC/RJ/SET/27)

- b. tinha festa de orfanato. Aquela ali é a festa, também, muito relacionada ali, dada às crianças. Ali, é a coisa <bo-> é no primeiro de maio. Esse ano não teve, caiu no Domingo, onde - <dom-> Domingo – então, [eles preferiram transferir **parece** para o dia das crianças], porque, em geral, os – a religião dele, aos Domingos, [não] – não – é dia completamente de – que não tem comércio, não é?

(CEN/32)

- c. naquele tempo não se tomava uísque tomava-se chope então tinha um barrilzinho de cho:pe uns... uns sanduíches... naquele tempo devia ser presunto e queijo ... **parece** ... eu não me lembro bem ((risos)) mas devia ser assim.

(NURC/RJ/SET/71)

Esses cinco contextos de usos do verbo **parecer** são claramente diferenciados por propriedades sintáticas, semânticas e pragmáticas, as quais permitem reconhecer, de um lado, usos mais identificados com os verbos plenos (**parecer**₁) e, de outro, usos mais identificados com os satélites atitudinais de natureza adverbial (**parecer**₅). Essa hierarquização, seguindo a hipótese da unidirecionalidade em GR², permite verificar que, de um uso ao outro, há um processo contínuo de mudança, que conduz à alteração de estatuto categorial, fato que *per se* já justificaria tratar este fenômeno como um caso de GR. Pelas ocorrências dadas em (1) a (5), pode-se observar que significados baseados em uma situação externa (1) passam a significados baseados numa situação interna – avaliativa, perceptual, cognitiva – (2), que, por sua vez passam a significados cada vez mais assentados na atitude subjetiva do falante ((3) a (5)). Em termos sintáticos, do primeiro ao último uso, observa-se que, gradativamente, o verbo vai se colocando para fora do centro da predicação.

Meu interesse por esse predicador decorre do fato de as construções em que ele ocorre já terem sido bastante enfocadas por teorias diversas, dada a quantidade de mecanismos sintáticos, semânticos e pragmáticos manipulados no seu emprego. Entretanto, ainda falta uma descrição mais completa que busque relacionar os seus diferentes empregos. É esse caminho que pretendo percorrer no desenvolvimento deste trabalho, esperando, com isso, contribuir para um melhor entendimento dos mecanismos envolvidos nas diferentes construções em que esse verbo figura, uma vez que o modelo de gramática por mim adotado – o da Gramática Funcional holandesa (DIK, 1989, 1997, dentre outros) – procura, na descrição de qualquer fenômeno lingüístico, conjugar os componentes sintático, semântico e pragmático, que, via de regra, são negligenciados em grande parte dos trabalhos que, nas suas análises, ora privilegia um, ora outro desses componentes, mas nunca todos conjuntamente. Embora os trabalhos que já se detiveram em análises de construções com o verbo **parecer**

sejam bastante úteis pelas suas especificidades temáticas, alguns usos desse verbo continuam negligenciados.³ À exceção de GORSKI *et al.* (2002), que adotam uma perspectiva muito próxima à por mim assumida, quase todos os autores desconsideram construções em que **parecer** é um predicado organizador de uma predicação (**parecer**₁) e aquelas em que o verbo assume funções de satélite (**parecer**_{4,5}), restringindo suas análises a mecanismos sintáticos que possam explicar a posição de sujeito da construção em que o verbo ocorre.⁴

A hierarquização apresentada em (1) a (5) sugere, unidirecionalmente, um *cline* de aumento de gramaticalidade que enfatiza o aspecto da categoricidade de formas em gramaticalização, a saber:

- (6) [categoria maior (nome, verbo)] > [categoria medial (adjetivo, advérbio)] > [categoria menor (preposição, conjunção, auxiliares, pronomes, demonstrativos)]

(cf. HOPPER & TRAUGOTT, 1993)

A partir de (6), é possível propor que os casos de **parecer** no PB captam os momentos iniciais dessa escala, ou seja, a passagem de [verbo] > [advérbio], compreendendo, nesse trajeto, estágios de desenvolvimento guiados pelos princípios teóricos e metodológicos da GR, que aqui não serão explicitados por questões de limitação de espaço. Não retratarei também a evolução histórica do verbo **parecer**, que confirma o arranjo do *cline* de gramaticalidade que hierarquiza seus diferentes padrões de uso. Restrinjo-me à análise sincrônica das relações entre esses diferentes padrões, na tentativa de oferecer uma explicação mais coerente para os casos que, até a pouco tempo, serviram apenas de modelo para a formulação de princípios sintáticos relativos à manifestação do sujeito no PB. Um estudo histórico referendando a hipótese da GR de parecer encontra-se em GONÇALVES (2003).

Nas seções seguintes, descrevo e analiso os usos de **parecer** de (1) a (5), enfatizando seus valores semântico-pragmáticos. Na análise das ocorrências, mostro sua atuação e seu desenvolvimento gramatical como marcador de modalidade epistêmica e de evidência indireta, estratégias discursivas que contribuem para a promoção da diluição da responsabilidade do falante com relação ao conteúdo proposicional presente em seu enunciado. Ênfase será dada aos casos mais gramaticalizados (**parecer**_{3,4,5}) que, de forma inequívoca, revelam o descomprometimento do falante com a informação veiculada na proposição que ele coloca para apreciação do ouvinte. Antecedendo essas análises, apresento, de modo sucinto o modelo gramatical que embasa as minhas análises. Reservo a última seção às minhas considerações finais.

1 A estrutura hierárquica da oração

O modelo de estruturação hierárquica da oração da Gramática Funcional (GF, daqui em diante) permite que todo e qualquer enunciado seja analisado como mensagem e como evento de interação: como mensagem, em razão da necessidade de um conteúdo a ser informado; como evento de interação, por

haver a necessidade de ao menos dois participantes no ato enunciativo. Nesse modelo da GF, DIK (1989), HENGEVELD (1988, 1989, 1990) e DIK e HENGEVELD (1991) propõem a estrutura da oração em camadas em que se tem: no nível 1, a predicação nuclear; no nível 2, a predicação central; no nível 3, a proposição; e no nível 4, a oração [*clause*]. Na representação da estrutura da oração, os referentes pretendidos para *termos* (f), para *entidades* (x), para *estados-de-coisa* (e), para *fatos possíveis* (X) e para *atos de fala* (E) são interpretados como restritores dessas variáveis, como mostrados no quadro 1. A estrutura resultante do enunciado é esquematizada na figura 1 (DIK, 1997, p.93; DIK & HENGEVELD, 1991, p. 232).

Quadro 1: Tipos de entidades referidas na estrutura da oração

ORDEM	ESTRUTURA (Restritor)	TIPO (designação do restritor)	VARIÁVEL	REFERÊNCIA DA VARIÁVEL
0	Predicado	Propriedade/relação	F	Relação
1	Termos de primeira ordem	Entidade espacial	X	Indivíduo
2	Predicação	Estado-de-coisas	E	Evento
3	Proposição	Fato possível	X	Conteúdo
4	Oração	Ato de fala	E	Enunciado

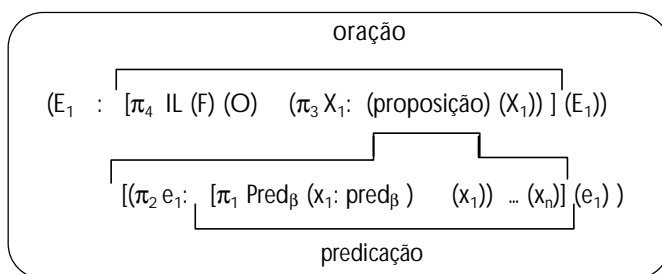


Fig. 1: Esquema da representação da oração em camadas⁵

De acordo com o quadro e a figura a cima, o primeiro nível, a **predicação nuclear** [*nuclear predication*], resulta da inserção de termos (x_1, \dots, x_n) nos *slots* de argumentos de um esquema de predicado, que, aplicado a um número apropriado de termos, resulta a predicação (e), que designa um **estado-de-coisas** (EsCo), codificação lingüística (e possivelmente cognitiva) que o falante faz de uma situação possível de ocorrer em algum mundo real ou imaginário. A predicação nuclear pode receber especificações, por meio da aplicação de *operadores de predicado* (π) e *satélites*⁶, ambos de nível 1, definindo, assim, a estrutura interna do EsCo. Tem-se, assim, constituído, no nível 2, a **predicação central** [*core predication*], resultado das extensões aplicadas à predicação nuclear. Estendida a predicação central, por meio de operadores e satélites de nível 2, que especificam o cenário do EsCo (temporal, espacial e ou

cognitivamente), tem-se a **predicação estendida** [*extended predication*].⁷ Uma predicação (e_2) pode, ainda, aparecer como especificação de um outro EsCo (e_1), ou seja, como argumento de um outro predicado, o que configura uma predicação encaixada.

É possível ainda construir uma predicação em uma estrutura de ordem mais alta, a saber: a **proposição**⁸ (X), que, designando um “fato possível”, pode ser motivo de surpresa ou dúvida, de menção ou negação, de rejeição e de lembranças. Uma proposição pode receber especificações de operadores e satélites de nível 3. Finalmente, uma proposição revestida de uma força ilocucionária vem a constituir a **oração** [*clause*], que corresponde a um ato de fala (E), possível de ser especificado pela proposição e pelos operadores e satélites de nível 4.⁹

Cada camada designa uma entidade de uma ordem diferente, no sentido de LYONS (1977). Assim, **indivíduos** (representados por termos) são entidades de ordem 1, porque podem ser localizados no espaço e podem ser avaliados em termos de sua existência. **EsCo's** (representados por predicções), entidades de ordem 2, podem ser localizados no espaço e no tempo e podem ser avaliados em termos de sua realidade. **Conteúdos proposicionais** (representados por proposições), entidades de ordem 3, podem ser localizados no espaço e no tempo e podem ser avaliados em termos de sua verdade. **Atos de fala** (representados por orações), entidades de ordem 4, localizam-se no espaço e no tempo e podem ser avaliados em termos de suas condições de felicidade. Nesse modelo estratificado (cf. fig. 1), o nível mais alto é chamado de **interpessoal**, em razão de nele estarem contidos os meios usados pelo falante (F) para invocar um certo efeito comunicativo sobre o ouvinte (O). Esse nível é estruturado com base em um *frame* ilocucionário (IL) que especifica as relações entre F, O e um conteúdo ou unidade de mensagem comunicada (X). O nível mais baixo é chamado de **representacional** e comporta os meios lingüísticos que são acionados pelo falante para fornecer ao ouvinte uma descrição adequada de um EsCo (e), tornando-o uma expressão referencial. Esse nível é estruturado com base em um *frame* de predicado (f) que especifica uma propriedade de um indivíduo ou uma relação entre vários indivíduos (x).

2 O tratamento de *parecer* na estrutura da oração em camadas

No modelo da oração em camadas, teríamos que o verbo **parecer**, ao longo das alterações propostas de (1) a (5), atua em, pelo menos, dois níveis distintos: na organização da predicação (nível 2), nível funcional da referenciação, e na organização da proposição (nível 3), nível funcional das relações interpessoais.

Feitas essas considerações iniciais, passo então à minha proposta de análise.

2.1 *Parecer*: organizador da predicação

Um uso ignorado na descrição de construções com **parecer** envolve os casos em que o verbo é claramente o organizador de uma predicação nuclear,

ou seja, ocupa o núcleo de um predicado, em torno do qual se arranja(m) o(s) argumento(s) e os demais participantes da estrutura frasal, como mostra a ocorrência em (7a).

- (7) **Parecer₁** (predicador)
- a. Eles queriam uma cunhada minha e eles falaram que era eu, que eu **parecia** muito com ela quando era nova, sabe, era mais clara e tudo. (PEUL/CEN/O6)
- b. Esquema de predicado: **Parecer** [V] (x_1)_{zero} (x_2)_{referência}¹⁰
- c. π_2 **Passado** (e_1 : [π_1 **imperfeito** **parecer** com [V] (x_1 : eu)_{zero} (x_2 : ela)_{referência} (σ_2 **quando era nova**)_{tempo}] (e_1))
= eu parecia com ela quando era nova

A predicação com **parecer₁** designa, então, um EsCo, do tipo **estado** (cf. DIK, 1989, p.97), e por isso pode ocorrer em algum mundo real, ser localizado no tempo e no espaço, durar algum tempo e ser visto ou mesmo percebido. Assim, a predicação nuclear dada em (7b), composta de um predicado (V) e de termos argumentais (x), pode ser estendida por operadores e satélites de nível 1, que definem a estrutura interna do EsCo (e_1), constituindo, no nível 2, uma predicação central, possível ainda de ser modificada por operadores e satélites que, neste nível representacional, especificam o cenário do EsCo (temporal, espacial e/ou cognitivamente), tornando-o uma expressão referencial.¹¹ Tem-se, então, como resultado, a predicação estendida. Em (7c), mostro a atuação desses operadores e satélites (assinalados em negrito).

A função cognitiva (referencial ou ideacional) do verbo tem por base uma comparação entre duas entidades referenciais e uma avaliação da semelhança de traços entre elas. Esse esquema constitui a base cognitiva para o emprego de **parecer₁**, caracterizando o seu uso lexical, ou, ainda, o uso mais concreto. Semanticamente, pode-se dizer que **parecer₁** é de base "evidencial" (*lato sensu*), pois parte de uma constatação e de um julgamento do falante acerca de estados de coisas observáveis. Assim, o cotejo entre aparências físicas é um traço que se ressalta nas propriedades discursivas de **parecer** como verbo de **percepção visual**.

2.2 **Parecer₂**: Suporte de predicação

Como suporte de uma estrutura de predicação, a relação mediada por **parecer₂** é resultante da aplicação de uma propriedade a uma entidade referencial. Não é o verbo o responsável pela relação de predicação. Observe-se a ocorrência em (8a) e as representações que a seguem.

- (8) **Parecer₂** (suporte de predicação)
- a. Certas liberdades **pareciam** excessivas (NURC/RJ/SET/71)
- b. Regra de inserção de cópula-suporte
Input : predicadob (x_1)...(x_n)

Condições: π = qualquer combinação de operador-p (tempo, aspecto, modo)

$\beta \neq V(\text{erbo}); b = \text{Adj}(\text{etivo})$

output : π cópula_v predicadob $(x_1) \dots (x_n)$

- c. Esquema de predicado: π : (tempo, aspecto, modo) **parecer**_v ((e_1 : [adj] _{β} (x_1)_{zero} (e_1))
- d. π_2 : Passado (π_1 : imperfeito, **parecer** [V]) (e_1 : excessivas [Adj] (x_1 : certas liberdades)_{zero} (e_1))

O EsCo descrito em (8a) é estruturado por recurso a um predicador adjetival (*excessiva*) que se aplica a um termo (*certas liberdades*), caso em que **parecer**₂ é inserido na condição de cópula-suporte de uma predicação¹². A regra de cópula-suporte em (8b), quando aplicada à predicação dada em (8a), resulta o esquema de predicado em (8c), cuja realização é dada em (8d). A presença de operadores π_2 e π_1 forçosamente desencadeará a inserção de uma cópula-suporte que, em (2d), é codificada por **parecer**.

Embora, na definição de cópula-suporte, estejam previstos por DIK somente operadores de tempo, aspecto e modo ($\pi_{1,2}$), no uso de **parecer**₂ parece compatível incluir, para o PB, também a atuação de um operador π_2 de **modalidade epistêmica objetiva**.¹³ Se não previsto em (8d) um operador desse tipo, a função exercida por **parecer** deixa de ser acionada, podendo outra cópula-suporte ser inserida na sustentação da relação de predicação, como, por exemplo, a cópula **ser/estar**.¹⁴

Nesse estágio inicial de GR de **parecer**₂, ao lado de um valor epistêmico que começa a emergir, também um valor evidencial revela o falante como fonte da informação contida na predicação. Essa interpretação se confirma por comparação com os predicados de sensação do Japonês, uma língua com um sistema evidencial altamente desenvolvido.¹⁵ Conforme KATO (1987), no PB, predicados de estados psicológicos (como **triste**, **alegre** etc) podem ocorrer em asserções, indiferentemente à pessoa gramatical do sujeito. Em japonês, asserções do mesmo tipo só são possíveis em situação normal de conversação para sujeitos de primeira pessoa. Quando o sujeito não é de primeira pessoa, alguma expressão evidencial, como **parecer**, por exemplo, é requerida. São os seguintes os exemplos de KATO:

- (9) a. Watakushi-wa kanashii.
Eu-top triste
b. *Anata-wa kanashii.
Você-top triste
c. *Kare-wa kanashii.
Ele-top triste

A atuação de predicados dessa natureza sobre segunda ou terceira pessoa pede uma forma verbal (-**gatte-iru**), que ocorre justaposta ao mesmo radical (**Kanashi**). Essa forma, por sua vez, não pode ser usada para a primeira pessoa. Repare os exemplos ainda de KATO.

- (10) a. *Watakushi-wa kanashigatte-iru.
Eu-top triste-pareço
b. Anata-wa kanashigatte-iru.
Você-top triste-parece
c. Kare-wa kanashigatte-iru.
Ele-top triste-parece

KATO, recorrendo a KURODA (1973), assim conclui essa primeira parte de sua análise:

tais predicados são epistemologicamente diferentes de adjetivos como alto ou quadrado. Juízos que contêm predicados desse tipo expressam fatos que podem ser falsos ou verdadeiros, enquanto que aqueles que contêm adjetivos como 'kanashii' (triste), 'atsui' (quente), 'sabishii' (solitário) etc expressam estados do falante e não são passíveis de serem julgados verdadeiros ou falsos. Por outro lado, a forma verbal que equivale a dizer 'está agindo como se estivesse triste', é passível de ser constatada como um fato verdadeiro ou falso pelos sinais externos que o sujeito apresenta do estado interior.

Observe-se, nessa breve comparação, que, como no Japonês, a depender do tipo de predicação sustentada por **parecer**₂, algumas restrições começam a ser impostas pela língua.

Conforme princípio da **gradualidade** atuante nas alterações categoriais, uma propriedade sintático-semântica aproxima **parecer**₁ de alguns usos que caracterizei como **parecer**₂. Observe (11) abaixo.

- (11) o senhor **me parece** uma pessoa bem politizada.
(PEUL/TEN/T31)

Nessa construção, o SN₂ (*uma pessoa bastante politizada*) na estrutura [SN₁ **parecer** SN₂], perde seu valor referencial, passando a funcionar como um qualificador. Esse desvio categorial pode ser postulado como a "ponte" que liga **parecer**₁ a **parecer**₂. A nova função desempenhada pelo SN₂ permite que, em sua posição, sejam inseridas outras categorias de natureza qualificativa, como um SAdj ou SPrep de valor adjetivo. Essa gradualidade pode gerar leituras ambíguas entre **parecer**₁ e **parecer**₂, que desaparecem quando, na posição do SN₂, ocorre uma forma com valor estritamente qualificativo (8), que deixa, mais claramente, o SN₁ sujeito às avaliações imprecisas do falante.

2.3 *Parecer*₃: predicado encaixador de proposição

Relativamente ao modelo da oração em camadas, é incontestável a análise de **parecer**₃ como um predicado no qual se encaixa um conteúdo proposicional. Essa construção encaixada, primeiro argumento (A₁) de um predicado de atitude proposicional, deve ser construída em uma estrutura de ordem superior a de um EsCo (e), mais especificamente, como uma proposição (X_i), que, nos termos da GF, designa um "fato possível", entidade de nível 3. As ocorrências em (12),

com os respectivos esquemas de predicado em (13), exemplificam esses usos.

- (12) a. Eu conheci aqui um pescador antigo que – para mim, eu considero assim uma história – mas isso lá foi há muitos anos, mas há muitos anos mesmo e – ele saiu para pescar e não voltou mais. Até hoje não se dá definição dele, ninguém encontrou o corpo, ninguém encontrou nada. Encontraram só a canoa dele, é, época depois, **parece** que foi encontrado, não sei se no Recreio ou na Barra da Tijuca.

(PEUL/CEN/E03)

- b. aí a gente tava lá na sala, entre a sala e a cozinha lá tinha um corredor, a gente tava sentado no sofá, o pano de prato **parece** que se mexeu, sei lá, ele cismou que viu um gato correndo pela cozinha.

(PEUL/TEN/T2)

- (13) a. π_2 : presente **parecer** [V] (X_1)_{sujeito/zero}
((X_1 : [π_2 : passado ((e_1):[ser encontrado [V] (x_1 :o corpo)_{meta}] (e_1))]
(X_1))
- b. π_2 : π presente **parecer** [V] (X_1)_{sujeito/zero}
((X_1 : [π_2 : passado ((e_1):[mexer [V] (x_1 :o pano de prato)_{processado/Tóp}] (e_1))]
(X_1))

Observe-se que a definição da estrutura encaixada como proposição é definida pela natureza semântica do predicado matriz, que, em (12), especifica uma proposição e não um EsCo. Assim é que, em (13), atuando sobre a proposição (X_1), **parecer**₃ expressa lexicalmente **modalidade epistemológica evidencial** (HENGEVELD, 1989)¹⁶, que, na função interpessoal da linguagem, marca a intenção do falante de especificar sua postura em relação à verdade de uma proposição (X_1) apresentada à consideração do ouvinte. **Parecer**₃ serve, então, para modalizar ou mitigar a força asseverativa do conteúdo do complemento oracional nele encaixado.

A mesma gradualidade verificada nas alterações de propriedades de **parecer**₁ para **parecer**₂ pode também ser verificada entre **parecer**₂ e **parecer**₃, relação de mudança que é caracterizada por alterações de propriedades discursivas e funcionais, a saber: do funcionamento no nível **ideacional** para o funcionamento no nível **interpessoal**.

Como resultado de uma reanálise semântica e sintática, o verbo tem agora ampliadas suas propriedades de subcategorização de complemento oracional. A predicação do tipo estado, característica do uso anterior, dá lugar, no uso de **parecer**₃, à presença de outros tipos de complementos (finitos ou não-finitos), que passam a abranger outros tipos de EsCo, como ação, processo, evento etc. Os valores epistêmico e evidencial, possíveis para **parecer**₂, são agora inequívocos para **parecer**₃. O verbo apresenta, nesse uso, uma função modalizadora que indica comprometimento fraco do falante com relação ao conteúdo proposicional expresso na oração encaixada, e tem a acepção de “ser verossímil, crível, provável” ou ainda a de “ser opinião ou parecer (de alguém)”. Indica a modalidade da manifestação aparente.

Aqui o esquema cognitivo que dá sustentação à função interpessoal tem suas origens nos usos anteriores. A comparação e a avaliação que, em **parecer**₂, envolviam estados de mundo possíveis que são parte do conhecimento enciclopédico do falante, dão lugar apenas à avaliação do conteúdo proposicional – cuja fonte é o falante –, sempre resultante de uma **evidência indireta inferida não especificada**.¹⁷ Embora, nos limites do complexo oracional com **parecer**₃, não seja especificada a fonte da evidência em que se baseia a inferência do falante, a recorrência ao contexto mais amplo pode auxiliar na identificação dessa fonte. Explicitando isso por meio da ocorrência dada em (12) tem-se que: o falante infere o conteúdo proposicional encaixado em **parecer** (*época depois, parece **que o corpo foi encontrado**...*) a partir de relatos por ele não assumidos como verdade (*para mim, eu considero (isso) uma estória*). Certamente, numa situação diferente, em que o falante tivesse evidência direta, a qualificação modal seria outra, a de certeza.

Para reforçar minhas argumentações, passo, então, à análise de outras ocorrências¹⁸, chamando atenção para as expressões sublinhadas, que auxiliam na construção dos efeitos de sentido que acionam o espaço epistêmico para a qualificação modal e a marcação da evidência indireta inferida.

(14) a. Tem um posto de saudezinho aí embaixo que **parece** que faz ali uns curativozinho de vez em quando. Vem um médico que **parece** que não sei se vem todo o dia, não estou ao par, eu não estou em condições de dar essa informação, porque eu não freqüento esse posto de saúde, não foi preciso ainda. Mas vem um médico aí. **Parece** que vem de manhã cedo, oito ou nove horas, e dá lá umas consulta é vai embora.

(PEUL/CEN/E03)

b. A moto **parece** que naquela época custou uns oitenta e poucos mil cruzeiro.

(PEUL/CEN/E33)

Pelos contextos dados em (14), verifica-se mais claramente o traço evidencial de **parecer**, pelo fato de os eventos contidos nas proposições se apresentarem de alguma forma distante da consciência do falante, quer por razões físicas (14a) ou temporais (14b), refletindo assim algum grau de dúvida em relação à facticidade¹⁹ do conteúdo proposicional. O verbo **parecer** marca, então, uma evidência indireta a partir de um conhecimento não atestado ou de um conhecimento experienciado, mas remoto (distante da consciência do falante).

A **evidência indireta inferida** de situações apresentadas como provável/possível é mais clara em (14a), cujo contexto cuida de esclarecer que o falante não tem/teve evidência direta para o conteúdo de sua informação e, por isso, ele infere ser o caso (*funcionamento do posto de saúde*). É em (14b) que o fator distanciamento dos eventos da consciência do falante, enfatizado por marcas temporais, contribui para colocá-lo (falante) como fonte da informação, tomando para si a responsabilidade de uma possível divergência entre o fato apresentado e a realidade, razão que levará a asserção a refletir algum grau de dúvida em relação à probabilidade de a realidade apresentada ser verdadeira.

Observe que, em ambos os casos, **parecer** é marca do falante como fonte da informação como um todo; o que varia é o tipo de evidência indireta a partir da qual o falante infere o conteúdo proposicional por ele apresentado: se relato, se boato, se evento remoto, se resultados observáveis etc. Um outro exemplo de que o distanciamento do evento da consciência do falante determina o entrecruzamento de evidencialidade e modalidade epistêmica é mostrado em (15) abaixo.

(15) Inf: eu tenho assistido umas Peças eu assisti u::ma com a::aquela artista magrinha de televisão aquela moreninha que é bailarina também...eh

[

Doc: Marília Pera

Inf : Ma/ é...também não lembro o nome da peça mas me **parece** que era...'Um grito num::'

Doc: 'parado no ar'...

Inf : ach/ não não foi essa...

(NURC/SET/DID/234/SP)

Nessa ocorrência, dado o distanciamento do fato ocorrido do momento do ato de fala, verifica-se, no turno da informante, uma declaração de perda temporária de conhecimento (*não me lembro o nome da peça*) usada para justificar a falta de exatidão da informação (*o nome da peça*) que é apresentada apenas como verdade potencial.²⁰ É interessante observar que a correção complementar da informação feita pelo documentador (Doc) já estava assegurada no turno da informante, por meio das pistas por ela fornecidas sobre sua competência epistêmica. Com a sinalização de sua (pouca) competência epistêmica, é como se a informante propusesse ao seu interlocutor um diálogo implícito do tipo: "qualquer responsabilidade da não correspondência do que digo com os fatos deve a mim ser atribuída, em razão da minha falta de lembrança de uma situação passada por mim experienciada".

O autojulgamento da competência epistêmica para o desenvolvimento de um tópico discursivo também aparece evidenciado na ocorrência (16). Baseada em conhecimentos (insuficientes), a informante se mostra como fonte da informação **inferida** constante na proposição encaixada no verbo **parecer**.

(16) ... agora existe o:: concurso já faz ahn já:: já caducou não tem validade ... mas ainda tem um número ... de acho que uns trinta umas trinta pessoas mais ou menos ... que entraram com um novo mandato de Segurança não sei exatamente alegando o quê mas entraram quer dizer que então:: estão também aguardando também o resultado disso ... mas **parece** que não vai dar nada.

(NURC/SET/D2/360/SP)

Nesse caso, a proposição *o mandato de segurança não vai dar em nada* pode ser analisada como uma inferência da informante, julgada por ela como

uma causa possivelmente insuficiente (*o concurso já caducou, não tem validade*) para uma asseveração. Como desconhece as causas que levaram à impetração de um novo mandato de segurança (*não sei alegando o quê*), infere, como negativo, um possível resultado favorável ao mandato (*parece que não vai dar em nada*). A presença do contrajuntivo **mas**, antecedendo o enunciado com **parecer**, expressa que qualquer contestação que o interlocutor venha a fazer já foi, antecipadamente, considerada pela informante. O caráter de **parecer** como forma que, ao mesmo tempo em que descompromete, remete a uma fonte de inferência, pode, por último, ser confirmado pela ocorrência dada em (17).

- (17) Mas eu tenho a impressão que ela acabou se vendo mais [...] cerceada ela chegou a um ponto...eu não a conheço eu a vi duas ou três vezes eu nunca conversei com ela () mas pelo pelo que chega à gente de terceiros **parece** que ela (ao menos) tentou lutar tentou lutar e:: não conseguiu. (NURC/SET/D2/360/SP)

Antecedem o uso de **parecer** várias inserções parentéticas evidenciais (verbos de cognição (**conhecer**), de percepção (**ver**) e de elocução (**conversar**)), que suspendem o fluxo do discurso e auxiliam na criação do espaço epistêmico do irreal/possível (*eu tenho impressão*), no qual se assentará a baixa responsabilidade da informante pelo conteúdo proposicional que informa (*ela tentou lutar e não conseguiu*). O descomprometimento com a verdade da proposição é reforçado, sobretudo pela última inserção parentética contrajuntiva que antecede o uso de **parecer** (*mas pelo que chega a gente de terceiros*), por meio da qual a informante parece não dar como confiável a evidência relatada indiretamente e infere uma situação (*ela tentou lutar*) a partir de informações (boatos) que chegam até ela.

2.4 Satélites parentéticos

Além do uso de **parecer**, outros que não aparecem suficientemente descritos na literatura são os que funcionam como **satélite atitudinal** de caráter adverbial. Nesses usos, apenas propriedades formais distinguem dois subtipos: **parecer**₄ e **parecer**₅, o primeiro, um **quase-satélite**, e o segundo, um **satélite** da estrutura oracional.

A tipologia dos satélites oferecida por DIK *et al.* (1990) está baseada no nível da oração em que tais categorias atuam. Interessa destacar aqui os **satélites proposicionais** (s₃), que se classificam da seguinte forma: (i) **de atitude** (orientado para o conteúdo, orientado para o evento e orientado para o participante) do falante em relação ao conteúdo proposicional ou apenas parte dele; (ii) **de fonte**, apresentada como uma terceira parte responsável pela informação contida na proposição; (iii) **de evidência**, que especifica a ocorrência de um EsCo que serve de evidência para o conteúdo proposicional; e, (iv) **de motivação**, que especifica um fato que sustenta um outro designado pelo conteúdo proposicional. Um tanto confusa nessa classificação é a definição de satélites que marcam **fonte**, em que parece desconsiderado como fonte da proposição o próprio falante. Assim considerando, assumo, para a função de **parecer** como satélite, os mesmos

significados aferidos para **parecer**₃. No meu entendimento, os efeitos de sentido são os mesmos; apenas os meios são diferentes.

Uma noção necessária para a identificação da contribuição semântica dos satélites é a noção de **escopo**, aqui entendida, nos termos de ILARI *et al.* (1996), "como o conjunto de conteúdos afetados por algum operador", no caso, o próprio advérbio. Os autores advertem que as maneiras como o advérbio pode afetar a construção de que ele participa são extremamente variadas, sendo suas posições um dos fatores determinantes do escopo.

2.4.1 **Parecer**₄: *um quase-satélite*

Parecer₄, ocorrendo sempre em posição medial, rompe a estrutura de constituinte da oração. Caracteriza esse uso a presença do "complementizador" **que** ainda "atrelado" ao "verbo", não mais introduzindo complemento oracional, mas apenas um constituinte da oração que, semanticamente, é escopado: em (18a), um adjunto temporal, e, em (18b), um objeto de preposição. Observe que a incerteza do falante, em (13) diz respeito apenas à parte do EsCo codificado na proposição.

(18) a. hoje pode-se fazer o religioso com efeitos civis e tal ... nós nos casamos no civil... **parece que** de manhã... assim por volta de... dez e meia onze horas por aí.

(NURC/RJ/SET/71)

b. [o pedágio] passou para **parece que** setenta cruzeiro a partir de dia prime- depois de amanhã.

(PEUL/CEN/E32)

Esses casos constituem argumento para afirmar uma das propriedades da GR: a união/compactação da estrutura [verbo + complementizador], nesse uso, não mais analisada como dois constituintes, mas uma só forma, possivelmente originada daquelas construções com **parecer**₃ em que, claramente, o sujeito da oração encaixada aparece nos limites da oração matriz, como mostra a ocorrência (12b) (*o pano de prato parece que se mexeu*).²¹ Uma possível explicação para esse uso de **parecer**₄ pode ser buscada nesses casos de topicalização do sujeito da oração encaixada, nos quais a seqüência [verbo + complementizador] parece romper a estrutura canônica da oração (*o pano de prato se mexeu*), o que pode levar o ouvinte a uma reinterpretação induzida pelo contexto e a proceder da mesma forma em qualquer parte da oração, um caso de **reanálise**. Procedida essa reanálise, o complementizador, não mais funcional sintaticamente, é apagado, e mais claramente o "verbo" assume as propriedades de satélite. Entretanto, há de se observar que, semanticamente, a presença do "complementizador" marca com clareza o constituinte que ele escopa, caso nem sempre claro em **parecer**₅, como será visto adiante.

Na verdade, esses casos indicam que a posição de **parecer**₄ no interior da oração faz diminuir (e não eliminar) o grau de incerteza que recairia sobre toda a proposição ("**parece** [que nós nos casamos no civil de manhã]", "**parece** [que o pedágio passou para setenta cruzeiro]"), uma vez que a presença do

"complementizador" é que permite determinar com clareza o elemento escopado. Sob essa hipótese, atribui-se às condições de verdade do elemento escopado o rebaixamento do grau de certeza do falante com a verdade da proposição, havendo uma clara diferença entre comprometimento com a verdade da proposição como um todo e com a verdade de apenas parte dela.

Relativamente à sobreposição dos valores epistêmico e evidencial, verifica-se em (18a) um EsCo experienciado pelo informante em um tempo remoto, daí o seu descomprometimento com a verdade sobre a localização temporal desse EsCo. Em (18b), embora estejam ausentes marcas textuais que possam assegurar o tipo de evidência que sustenta a informação proposicional (*o pedágio passou para setenta cruzeiros*), tudo indica que a informação chegou até o informante de fontes outras (relato, boato etc), também um tipo de evidência indireta.

2.4.2 Parecer₅: *satélite atitudinal*

Parecer₅, já completamente descategorizado, apresenta independência sintática no enunciado que modaliza, podendo, assim, ocorrer em posições iniciais (19a), mediais (19b) ou finais (19c), como exposto abaixo. Diferencia-se do uso anterior, pela completa ausência do "complementizador" **que**.

(19) a. Esse homem que não é ou não se diria ser um homem RICO é um trabalhador simples ... ele mora decentemente ... não sei se ganha bem ... **me pa-re-ce** se eu bem entendi o salário mínimo é trezentos dólares o que está muito acima do salário mínimo brasileiro

(NURC/RJ/COM/27)

b. tinha festa de orfanato. Aquela ali é a festa, também, muito relacionada ali, dada às crianças. Ali, é a coisa <bo-> é no primeiro de maio. Esse ano não teve, caiu no Domingo, onde - <dom-> Domingo – então, eles preferiram transferir **parece** para o dia das crianças, porque, em geral, os – a religião dele, aos Domingos, [não] – não – é dia completamente de – que não tem comércio, não é?

(PEUL/CEN/E32)

c. naquele tempo não se tomava uísque tomava-se chope então tinha um barrilzinho de cho:pe uns... uns sanduíches... naquele tempo devia ser presunto e queijo ... **parece** ... eu não me lembro bem ((risos)) mas devia ser assim.

(NURC/RJ/SET/71)

Também critérios prosódicos marcam os modais parentéticos (aumento da velocidade de fala, pausa, tessitura) e, dependendo da tessitura do enunciado adjacente ao parêntese, "flexões prosódicas sugerem que ele está menos integrado com o restante [da oração]" (DIK *et al.*, 1990, p.36). O valor de **parecer₅** pode orientar-se, (i) quando em posição inicial e final, para o conteúdo da proposição (19a,c), e, (ii) quando em posição medial, para um dos participantes (x) do EsCo descrito no interior da proposição (19b).

O satélite em posição medial e a ausência do “complementizador” podem levar a ambigüidades de escopo, se o satélite não estiver claramente delimitado por pausas, como é o caso de (19b). Se isso ocorre, o elemento escopado pode ser toda a proposição (*parece que [eles preferiram...]*) ou apenas parte dela (... *transferir parece [para o dia das crianças]*). A esse respeito, ILARI *et al.* (1996, p. 129) dizem que, mesmo nos casos em que segue o verbo, o advérbio “tende a tomar como seu escopo o elemento que está à sua direita”.

O que se constata até aqui é que, à medida que avança a alteração de propriedades sintático-semânticas, **parecer** se descategoriza, fixando-se na 3ª pessoa do singular do presente do indicativo, forma não-marcada, alterando, assim, os privilégios sintáticos de sua categoria original de verbo (variedade flexional em tempo e modo e número e pessoa), para assumir valor de satélite de nível 3, caso em que não se aplicaria mais um esquema de predicado, como os dados para **parecer**_{1,2,3}. Em (20) abaixo, mostro somente o nível da oração ao qual **parecer**_{4,5} se liga, expressando a opção lexical de expressão de modalidade epistêmica/evidencialidade.

(20) E₁ IL (F) (O) (σ_3 X₁: (proposição) (X₁)) (E₁)

Considerações finais

Recorrendo ao modelo de GF de Dik (1989, 1997), caracterizei os diferentes usos de **parecer** no PB, enfocando suas propriedades sintáticas, semânticas e pragmáticas. Relativamente aos padrões sintáticos, o item em análise, de organizador de uma predicação (**parecer**₁), coloca-se completamente para fora dela (**parecer**₅), mudança resultante de um processo de reanálise categorial.

Em termos semânticos, o esquema cognitivo que sustenta o uso da forma fonte (**parecer**₁) dá lugar aos valores **epistêmicos** e **evidenciais**, presentes nos demais usos, alteração semântica assentada num sistema metafórico estruturado, em que significados baseados numa situação externa (**parecer**_{1,2}) passam a significados baseados numa situação interna (avaliativa, perceptual, cognitiva) (**parecer**₂), que, por sua vez, passam a significados cada vez mais baseados na atitude subjetiva do falante (**parecer**_{3,4,5}).

Ao lado dessas mudanças semânticas e sintáticas, ocorrem alterações de ordem pragmática: o verbo deixa de ser empregado na função referencial da linguagem, usos objetivos (**parecer**₁), descritivos (**parecer**_{1,2}), e passa para o nível em que se expressam as relações interpessoais da linguagem (**parecer**_{3,4,5}).

Apoiado na unidirecionalidade – princípio básico da GR –, o contínuo de mudança que propus para os cinco usos de **parecer** reflete uma hierarquização de aumento de gramaticalidade que enfatiza o aspecto da categoricidade de formas em GR.

Mais importante que o arranjo em uma escala sincrônica de GR é a comprovação dessa escala diacronicamente. De um uso originalmente calcado em propriedades cognitivas mais básicas – verbo de apresentação, percepção visual, com acepção de “aparecer” –, codificadas, referencialmente, pela categoria verbo, resultam propriedades mais abstratas, codificadas, pragmaticamente, pela

categoria dos satélites atitudinais e que só são reconhecidas mais tardiamente na história do português (cf. GONÇALVES, 2003). Assim é que, na relação sincronia/diacronia, se comprova a viabilidade de tratar os diferentes padrões de uso de **parecer** como um caso de GR.

Essas constatações permitem duas possibilidades de interpretação: ou o item se encontra nos estágios iniciais de um processo de GR, podendo vir a cumprir uma trajetória rumo a uma categoria mais gramatical ainda (como, por exemplo, a dos clíticos ou afixos, o que demandaria alterações morfofonológicas profundas em sua estrutura), ou pode ter seu processo de GR interrompido, possibilidade prevista nesse quadro teórico.

No estudo de caso em questão, a relação existente entre evidencialidade e modalidade epistêmica aponta a necessidade de se considerar dimensões individuais (subjativas) e sociais nesse processo de mudança, porque as marcas que, na língua, explicitam tal relação decorrem da necessidade de expressão do indivíduo e de suas relações sociais.

Abstract

This presents a description of the different constructions with verb *parecer* in Brazilian Portuguese. The synchronic relationship between these different patterns is interpreted as a case of grammaticalization.

Keywords: Verb *parecer*; Grammaticalization; Modality; Evidentiality.

Notas

¹ Os dados analisados provêm de três *corpora* diferentes: (i) Amostra-88 e Amostra-00, vulgarmente conhecidas como "Amostra Censo" (CEN) e "Amostra Tendência" (TEN), ambas do Programa de Estudos sobre Usos da Língua/UFRJ; (ii) Amostras do Projeto NURC/década de 1970 (SET); e, (iii) Amostra Complementar do Projeto NURC/RJ/década de 1990 (COM).

² "A hipótese da unidirecionalidade sustenta que toda gramaticalização envolve mudança em contextos linguísticos específicos de um item lexical em um item gramatical, ou de um item menos gramaticalizado em um item mais gramaticalizado, e que os *clines* de gramaticalização são irreversíveis. As mudanças procedem do [nível/categoria] mais alto para o mais baixo, nunca do mais baixo para o mais alto no *cline*". (HOPPER & TRAUGOTT, 1993, p. 126).

³ Cabe mencionar aqui os seguintes trabalhos envolvendo análises de construções com o verbo **parecer**: no âmbito da teoria gerativa padrão, há os trabalhos pioneiros de QUÍCOLI (1976) e de PERLMUTTER (1976), e nas versões mais recentes da teoria, os de KATO & MIOTO (2000) e MIOTO e KATO (2002); no âmbito da teoria funcionalista, cite-se o trabalho de DIK (1981) e de NEVES (1996). Cite-se também o trabalho de KOCH (1986).

⁴ Em GONÇALVES (2003), no estudo da evolução histórica de **parecer**, mostrei que as construções inovadoras com **parecer**_{4,5} datam do século XVI.

⁵ IL = força ilocucionária; F = falante; O = ouvinte; pred = predicado.

⁶ Operadores (representados por π) e satélites (representados por σ) preenchem funções semânticas equivalentes. Enquanto operadores especificam um EsCo por meios gramaticais, satélites podem cumprir essa mesma função, mas por meios lexicais, isto é, por meio de construções adverbiais (DIK & HENGEVELD, 1991, p. 232-233).

⁷ Não há, nas representações da GF, variáveis para distinguir os diferentes tipos de predicções: nuclear, central e estendida. Essa é uma das inconsistências do modelo de camadas que foi apontada por BOLKSTEIN (1992).

⁸ Em termos funcionais, predicção encaixada diferencia-se de proposição encaixada, em razão do estatuto semântico da subordinada. Em *João viu que o amigo entregou um livro na biblioteca*, o que se diz que João viu é, de fato, (a ocorrência de) um EsCo. Entretanto, em *João acredita que o amigo*

entregou um livro na biblioteca, embora a subordinada ocorra com a mesma forma, seu estatuto semântico é diferente: as coisas nas quais se pode dizer que as pessoas acreditam não são EsCos; são, antes, "proposições", "fatos possíveis".

⁹ Parece-me mais apropriado para a tradução de *clause* o termo **frase**, mas, no decorrer deste trabalho, usarei de modo indistinto também o termo **oração**.

¹⁰ Atribui-se função semântica **zero** à entidade primeiramente envolvida num **estado**, e a função **referência**, ao segundo ou terceiro termo, em razão do qual tal relação se sustenta (cf. DIK, 1989, p. 101).

¹¹ Operadores de nível 1 (π_1) marcam aspecto qualificacional (perfectividade/ imperfectividade) e negação de predicado. Satélites desse mesmo nível (σ_1) expressam propriedades adicionais do EsCo (modo, velocidade e instrumento). Operadores de nível 2 (π_2) marcam tempo, aspecto quantificacional (habitualidade, frequência, continuidade e intensidade), modalidade objetiva e polaridade. Satélites σ_2 expressam o cenário do EsCo, como tempo, lugar, frequência e probabilidade.

¹² "O termo **suporte** sugere que a cópula [nas línguas que a exigem] serve para acionar os operadores de tempo, aspecto e modo, que requerem uma forma verbal para serem expressos" (DIK, 1989, p.166).

¹³ Na qualificação de uma predicação, a modalidade objetiva marca a avaliação do falante sobre situações possíveis prevalentes na sua concepção da realidade ou de um universo hipotético (HENGVELD 1989, p. 137), dependendo da compatibilidade entre o EsCo e o conhecimento de uma situação possível.

¹⁴ A presença de **ser/estar** conferiria ao enunciado uma força ilocucionária assertiva, diferentemente das intenções pragmáticas do falante, ao empregar **parecer**. Em línguas como o inglês, o equivalente **to seem** modaliza objetivamente as condições especificadas pela cópula **be**, cujo equivalente em português (**ser/estar**) não necessariamente precisa aparecer na estrutura subjacente da predicação. Observe:

(i) π_1 : (Presente, mod. objetiva **to seem** [V]) **be** [V] (e : tired [Adj] (x :John) (e))
(ii) π_2 : (Presente; mod. objetiva **parecer** [V]) \emptyset ^{inf} (e : cansado [Adj] (x :João) ^{zero} (e))
= John seems to be tired / * John seems tired / João **parece** (estar) cansado ^{zero}

¹⁵ Sobre a rubrica de *Evidencialidade* ou *acessibilidade de informação*, HASEGAWA (2002, p. 4) mostra que o Japonês é uma língua que "força" seus usuários a marcar diferenças entre si e os outros, pelo uso de sentenças que expressam sentimentos humanos ou atividade mental, quando o falante não tem acesso direto à fonte. Os predicados sujeitos a essa restrição são denominados pela autora de *predicados psicológicos* [*psych predicates*].

¹⁶ A modalidade epistemológica, recurso linguístico que permite ao falante expressar seu comprometimento em relação à verdade de uma proposição, subdivide-se em: (i) **subjativa (epistêmica)**: que especifica o tipo (certeza/probabilidade/possibilidade) e o grau (*forte/fraco*) do comprometimento; (ii) **evidencial (inferencial, citativa, experiencial)**: que, além do comprometimento, especifica como a proposição chegou ao conhecimento do falante, podendo ser ele a fonte ou não da informação.

¹⁷ Esse tipo de evidência caracteriza-se pelo fato de o falante afirmar saber de uma situação somente por meio de inferência, sem especificar se essa inferência está baseada em resultados observáveis ou se somente em raciocínio (WILLET, 1988).

¹⁸ Valho-me aqui de algumas ocorrências extraídas de outros inquéritos do NURC e do PEUL, que foram as primeiras a me chamarem a atenção para o valor evidencial de **parecer**.

¹⁹ Entre as mais de 30 línguas que investigou, WILLET (1988) detectou que, nas implicações do uso de tipos de evidenciais com a concepção de verdade de uma situação, "quanto mais remota uma situação na consciência do falante, menos factual ele a considerará", em razão do julgamento que faz da realidade que embasa suas evidências.

²⁰ Nesse inquérito, durante o desenvolvimento do tópico discursivo "cinema, teatro", proposto pelo documentador, não apresentado aqui por questão de brevidade, a informante, em esforços repetitivos, faz referência à sua dificuldade em se recordar de nomes de atores, de filmes e de peças teatrais, por meio da expressão "eu não me lembro", e negocia com o documentador essa sua dificuldade.

²¹ Esse mesmo argumento poderia ser usado para indicar que já **parecer**, na ocorrência em (11b), conteria propriedades sintáticas que permitiriam sua análise como satélite atitudinal de nível 3. Some-se a isso a tendência de satélites proposicionais ocorrerem em posição anteposta à proposição que ele escopa.

Referências bibliográficas

BOLKSTEIN, A. M. Limits to layering: locatability and others problems. In: FORTESCUE, M.; HARDER, P.; KRISTOFFERSEN, L. (eds.) *Layered structure and reference in a*

- functional perspective*. Philadelphia: John Benjamins, p. 387-407, 1992.
- DIK, S. *The theory of Functional Grammar*. Part 2: Complex and derived constructions. 2.ed. N.Y.: Mouton de Gruyter, 1997.
- DIK, S.; HENGEVELD, S. The hierarchical structure of the clause and the typology of perception-verb complements. *Linguistics*, v. 29, p. 231-259, 1991.
- DIK, S. *et al.* The hierarquical structure of the clause and the typology of adverbial satellites. In: NUYTS, J. *et al.* (eds.) *Layers and levels of representation in language theory*. Philadelphia: John Benjamins, p. 25-70, 1990.
- DIK, S. *The theory of Functional Grammar*. Parte I: The structure of the clause. Dordrecht: Foris, 1989.
- GONÇALVES, S. C. L. *Gramaticalização, modalidade epistêmica e evidencialidade*. 2003. 250f. Tese (Doutorado em Lingüística) – IEL, UNICAMP, Campinas.
- GORSKI, E. M. *et al.* Gramaticalização/discursivização de itens de base verbal: funções e formas concorrentes. *Estudos Lingüísticos*, v. XXXI, 5p., 2002. CD-ROM.
- HASEGAWA, Y. *Linguistic systems and social models: a case study from Japanese*. Disponível em: <http://ist-socrates.berkeley.edu/~hasegawa/Social_Models/SocialModel.html>. Acesso em dezembro/2002.
- HENGEVELD, K. The hierarchical structure of utterances. In: NUYTS, J., BOLKSTEIN, A.M., VET, C. (eds.) *Layers and levels of representation in language theory: a functional view*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, p. 1-24, 1990.
- _____. illocution, mood and modality in a functional grammar of Spanish. *J. Semantics*, v.6, p.227-269, 1988.
- _____. Layers and operators in Functional Grammar. *J. Linguistics*, n. 25, p.127-57, 1989.
- HOPPER, P.; TRAUGOTT, E.C. *Grammaticalization*. Cambridge: Cambridge University Press, 1993.
- ILARI, R. *et al.* Considerações sobre a posição dos advérbios. In: CASTILHO, A.T. (org.). *Gramática do português falado*. 3.ed. Campinas: Unicamp, v.1, p.63-42, 1996.
- KATO, M. A. Restrições de predicação em japonês: o lugar do sujeito na gramática da narrativa. In: SEMINÁRIO SOBRE SUJEITO, 1987, Campinas, 1987, 3p. Trabalho não publicado.
- KATO, M. A.; MIOTO, C. A inexistência de sujeitos oracionais. *Laços*, Rio de Janeiro, p. 61-90, 2000.
- KOCH, I.G. Villaça. *Argumentação e linguagem*. 4.ed. São Paulo: Cortez, 1996.
- LYONS, J. *Semantics 2*. Cambridge: University Press, 1977.
- MIOTO, C.; KATO, M.A. Aspectos sintáticos da subordinação de sentenças. In:

ABAURRE, M. B., RODRIGUES, A. C. (orgs.) *Gramática do Português Falado*. Campinas: Unicamp/Fapesp, v. 8, p. 379-412, 2002.

NEVES, M. H. M. A modalidade. In: KOCH, I.V. (org.) *Gramática do português falado*. Campinas: Unicamp/Fapesp, v. 6, p. 163-200, 1996.

PERLMUTTER, D.M. Evidence for subject downgrading in Portuguese. In: SCHIMIDT-RADEFELDT, J. (ed.) *Readings in portuguese linguistics*. Amsterdam: North-Holland, p. 93-138, 1976.

QUICOLI, A. C. On Portuguese impersonal verbs. In: SCHIMIDT-RADEFELDT, J. (ed.) *Readings in Portuguese linguistics*. Amsterdam: North-Holland, p. 63-91, 1976.

WILLET, T. A cross-linguistic survey of evidentiality. *Studies in Language*, n. 1, v.1., p. 51-97, 1988.